

negados, o único Paraíso é o Paraíso que se perdeu”.

Beckett nunca foi de falar muito de si mesmo, e sempre evitou os contatos com a imprensa, mas mesmo assim, aqui e ali, disse coisas, não necessariamente verdadeiras, sobre sua vida pessoal. Afirma-se que o relacionamento com uma mãe possessiva foi o principal fator na formação de sua personalidade, e de seu gênio, mas ele nunca falou sobre isso. De qualquer forma, não se dava bem com ela, que não parava de censurá-lo por suas ambições literárias, insistindo em que escolhesse uma profissão séria. Foi para escapar dela e da sufocante atmosfera de classe média da família protestante, que ele se instalou permanentemente em Paris, em 1937, passando a escrever em francês. Significativamente, quando a mãe morreu, em 1950, ele voltou a escrever algumas obras em inglês.

Beckett diz que nasceu numa sexta-

feira 13, em abril de 1906, mas seu biógrafo, Deirdre Bair, sugere que ele adiantou a data um mês, para fazê-la coincidir com o dia da Crucificação, dando assim um aspecto mais simbólico à sua vida. Segundo ele próprio, sua infância foi tranqüila. “Pode-se dizer que tive uma infância feliz, embora tivesse pouco talento para a felicidade. Meus pais fizeram tudo que podiam para fazer uma criança feliz, mas eu muitas vezes me sentia solitário. Fomos educados como Quakers. Meu pai não me batia nem minha mãe fugiu de casa.”

Aos 14 anos, ele foi para a Portora Royal School, no que hoje é a Irlanda do Norte, uma escola que reunia as classes médias anglo-irlandesas. Depois, de 1923 a 1927, estudou línguas modernas no Trinity College, em Dublin, e foi a Paris pela primeira vez em 1928, como leitor de inglês da prestigiosa École Normale Supérieure. Foi então que conheceu Joyce, do qual diria